

O regime dos mulás enfrenta uma onda de protestos

Desde 28 de Dezembro, a República Islâmica do Irã tem sido abalada por uma onda de protestos sociais sem precedentes desde o movimento contra a reeleição de Ahmadinejad em 2009.

As atuais manifestações eclodiram em Mashhad, a segunda maior cidade do país, antes de se espalharem por muitas cidades e regiões iranianas. Desde 28 de Dezembro, as manifestações são diárias, espalharam-se e já afetam mais de quarenta pequenas, médias e grandes cidades.

O social no coração dos protestos

Ao contrário da mobilização de 2009 que primeiro se colocou no terreno democrático, são claramente as questões sociais que estão no centro da onda atual, e Teerã não é o epicentro do protesto. Outra grande diferença é que a mobilização atual está situada em total externalidade em relação aos “debates” que se opõem às diferentes facções do poder. É claramente todo o regime que está no centro das atenções dos protestos.

Estas manifestações exprimem em primeiro lugar o profundo cansaço perante a contínua degradação das condições de vida, o elevado custo de vida, a corrupção do regime e dos seus dignitários, que se tornaram consideravelmente mais ricos. Diante da máquina repressiva da mularquia [regime mullah, ver *Une mollahrchie constitutionnelle*. NdT] e diante dos Guardiões da Revolução, a mobilização se radicalizou e já afeta as instituições e símbolos da República Islâmica.

Os slogans hostis ao Guia e ao Presidente da República são retomados em massa e isso acontece em todas as cidades onde a população é mobilizada.

As pessoas que se exprimem não hesitam em atacar o mais

rapidamente possível os retratos do Presidente da República Rohani, o Guia Khamenei ou Khomeiny, os edifícios públicos e os veículos das forças de segurança.

Repressão massiva

As autoridades perceberam rapidamente que esta mobilização era particularmente perigosa. Certamente, através de sua política de redistribuição clientelista da renda do petróleo, a mularquia sempre “comprou” o apoio de certos setores da população. Mas a inflação galopante, as dificuldades, o desemprego em massa, a miséria e a ausência de esperança atingiram as classes média e trabalhadora, incluindo uma parte da base social do regime teocrático. A “geografia” da mobilização indica, por outro lado, um distanciamento destes setores das classes populares, o que explica em particular as manifestações nas pequenas cidades provinciais.

O poder tenta apagar o fogo reprimindo maciçamente as manifestações e controlando os canais de comunicação, em particular as redes sociais que desempenham um papel importante na difusão do protesto. As forças de segurança, e em particular os Guardiões da Revolução, multiplicam as provocações e infiltram-se no povo que se manifesta para facilitar a repressão. Já há dezenas de mortos a lamentar, e as detenções multiplicam-se em Teerã e nas províncias.

Ao acusar os “inimigos estrangeiros do país” de serem responsáveis pela situação e dizer que os manifestantes são manipulados, o poder tenta entender a legitimidade do debate levantado pela rua e promete “espaços de diálogo” para que as demandas populares possam ser expressas. Rohani anunciou que “a crítica era um direito da população”. Isto é claramente um sinal de fraqueza por parte do poder e ninguém no Irã pode acreditar nessas promessas.

Solidariedade!

Desde 1979, a juventude, as mulheres e os trabalhadores

iranianos têm sido sujeitos a um regime teocrático reaccionário que reprime, tortura e elimina sistemática e fisicamente a sua oposição.

O atual protesto popular está ressoando com a luta dos sindicalistas iranianos que lutam pelo direito de organização e pelos direitos básicos dos trabalhadores e trabalhadoras. Sessenta e sete organizações sindicais e redes sindicais internacionais estão se mobilizando no âmbito de uma campanha de libertação de Reza Shahabi, o líder da empresa de autocarros de Teerão Vahed, cuja vida está em perigo. É essencial que a esquerda radical e internacionalista se envolva no apoio à atual onda de protestos no Irão. A solidariedade tem de ser alargada a fim de fazer recuar a mularquia e apoiar aqueles que lutam no Irã pela satisfação das exigências sociais e democráticas e pela derrubada da República Islâmica.

Original: [NPA](#)